

Josué Frizon

Histórias do velho povoado do Tope
Pela voz de Zulmira e pelas mãos de Maneco Schell

Passo Fundo
Saluz
2023

© 2023 Josué Frizon
© 2023 Editora Acadêmica do Brasil - EAB Editora
Publicado em 2023 / Impresso no Brasil

Edição: EAB Editora
Projeto gráfico e capa: Diego Ecker
Diagramação e normalização: Diego Ecker
Tratamento de imagem: Rodrigo O. Roman
Revisão: Araceli Pimentel Godinho

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

F921h Frizon, Josué Rodrigues
Histórias do velho povoado do Tope : pela voz
de Zulmira e pelas mãos de Maneco Schell / Josué
Rodrigues Frizon. – Passo Fundo: Saluz, 2023
157 p. ; 17 x 24 cm.
Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-85133-01-2

1. Comunidade do Tope, Marau, Rio Grande do Sul.
2. Manoel de Araújo Schell (Maneco Schell). I. Título.

CDD: 981
CDU: 94(816.5)

Catalogação: Marina Miranda Fagundes - CRB 14/1707

Direitos desta edição reservados à
Editora Acadêmica do Brasil Editoração e Diagramação LTDA - EAB Editora
Rua Senador Pinheiro, 350 – Sala 01 – Bairro Vila Rodrigues
99070-220 – Passo Fundo – Rio Grande do Sul – Brasil
www.eabeditora.com.br – contato@eabeditora.com.br

Agradecimentos

Ao meu orientador, professor Doutor Luís Augusto Fischer, por acreditar em meu trabalho, pelo incentivo e carinho em todos os momentos.

À professora Doutora Tania Rösing, pelo exemplo e incentivo.

Aos professores Doutor Paulo Coimbra Guedes, Doutora Terciane Ângela Luchese e Doutora Carla Simone Rodeghero, minha conterrânea, pelos ouvidos, pelo olhar atento e sensível.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e às políticas públicas, que me permitiram cursar graduação, mestrado e doutorado.

Aos meus pais, Lírio e Odete, ao meu irmão Jarbas e à minha cunhada Mônica.

Ao Humberto, pelo companheirismo incondicional.

Ao Celso, ao Evandro, ao Andre, ao Francisco e à Leda, à Isabel, à Nizalva, ao Valnikson, ao Bruno, à Ana Claudia e à Anelise, à Andréia, à Inólia, ao Gilmar, ao Luis Fernando e à Ana Carla, ao Ezequiel, ao Augusto, e ao Jorge.

Ao meu editor, Diego Ecker.

Ao Tope e seu povo, lugar que me viu crescer e que, com orgulho, homenageio na escrita deste livro.

À minha avó, Zulmira Portella de Menezes, e às suas amigas Joana Barboza, Amélia dos Santos Schell, Ana Frida Wilcler de Britto.

Ao professor Manoel de Araújo Schell, cujo centenário de morte foi lembrado em 2022, e cuja escrita e história busquei eternizar neste trabalho.

Por fim, dedico este livro à dona Leonor Becker Gehring, cujos olhos não puderam ler estas páginas; os seus descendentes agora podem. “Acabe logo esse livro, quero ler antes de morrer.”

Sumário

Prefácio.....	9
1. Um professor e escritas de sua terra	13
1.1. A caixa enferrujada e suas memórias.....	19
1.2. Os velhos, meus amigos e suas lembranças	42
1.3. Os itens de um acervo em construção	50
2. O antigo povoado do Tope: terra onde habita Deus	61
2.1. Origens de um caminho que leva a muitos lugares.....	68
2.2. Primeiras famílias, construções e suas histórias	72
2.3. As manifestações religiosas.....	85
2.4. Memórias sangrentas: a Revolução Federalista e o combate de Três Passos	95
3. Em busca do professor Maneco Schell.....	101
3.1. As origens do professor Manoel de Araújo Schell	107
3.2. Uma escola só para meninos.....	111
3.3. Os diários fragmentados do professor Maneco	121
3.4. As leituras de um professor e sua participação na comunidade rural	127
4. Memórias do Tope antigo: do Capão Redondo ao Capão de Jabuticaba.....	133
4.1. O Capão Redondo	133
4.2. O Capão de Jabuticaba	136
4.3. O Tope hoje: o que restou disso tudo?	139

5. Ouvir, registrar e ler: o passado a contar e as reflexões de um professor	147
Apêndice	153
Testemunho de Jucélia Schell, bisneta de “Maneco Schell”, sobre a obra	153
Referências.....	155

Prefácio

Um sujeito vive a acanhada rotina de sua cidade e pensa: puxa, que triste ter nascido aqui, longe da agitação, fora do alcance dos grandes acontecimentos, distante do ponto em que as coisas *realmente* acontecem. Está nessa lamentação sem palavras quando, por um motivo qualquer – o cumprimento da vizinha que passa, um som que vem do outro lado da rua, o voo de um pássaro que sai subitamente da árvore –, lhe ocorre que a vida se dá a conhecer em qualquer lugar. Aqui mesmo, ali adiante, em toda parte está o mundo. Se ela não aparece ali por inteiro, certamente oferece uma ponta do grande mistério das coisas – uma ponta a partir da qual se pode vislumbrar os contornos do todo.

Contada com muito mais talento, essa história abre o relato mais ou menos biográfico que Jorge Luis Borges escreveu, ainda antes de ser mundialmente famoso, sobre Evaristo Carriego. Não se trata propriamente de uma biografia, embora estejam ali alguns dados documentais sobre ele; mas é certamente uma forma de concretizar a memória e a admiração que Borges tinha por essa figura.

O bastidor dessa história, que o autor muitas vezes repetiu, também é interessante. Borges já tinha publicado algum livro de poesia e de ensaio, e trabalhava produzindo resenhas para revistas de sua cidade, a Buenos Aires dos anos 1920 e 30. Um dia comunica a sua mãe, uma mulher letrada e leitora experiente, que havia deliberado escrever um estudo sobre um poeta argentino. A mãe aprova com entusiasmo, pensando que o filho escreveria sobre Leopoldo Lugones, um figurão da época, mais ou menos o equivalente argentino para Olavo Bilac no Brasil – um poeta oficial, lido nas escolas, com cargos federais importantes. Mas Borges diz que vai escrever sobre Evaristo Carriego, poeta menor, com obra inexpressiva, e de mais a mais uma figura sem destaque social algum.

Foi daí que Borges pensou na imagem do primeiro parágrafo: tudo é matéria de interesse, porque em tudo se pode ler o mundo; e ele se dera conta de que Carriego foi, para ele, o jovem Borges, uma revelação justamente por mostrar que era possível escrever sobre o que estava bem próximo, sobre a esquina, sobre o cumprimento de chapéu feito pelo camarada que passava, e mesmo assim falar dos grandes temas da humanidade.

Muitas outras vezes o grande escritor argentino reiterou essa sua convicção, em entrevistas e artigos. Ao ler essa passagem de sua vida, fiquei muito feliz, porque sentia algo parecido. Mas foi com ele que aprendi a formular essa intuição, que me acompanha desde jovem: quando bem consideradas, as pessoas, as ações, as coisas são sempre reveladoras da condição humana. Todo o mistério está em saber escolher a abordagem adequada e investir a dose certa de interesse – Drummond, outro sábio, disse, em poema famoso: “As coisas. / Que tristes são as coisas / consideradas sem ênfase”.

Podemos lembrar outro gênio: Fernando Pessoa, na pele de Alberto Caeiro, fez a brincadeira séria:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

Nem precisaria dar o próximo passo para o prezado leitor entender que aqui estou elogiando o trabalho do Josué exatamente nos termos borgianos. Por intuição, por gosto juvenil, por amor mesmo, ele foi penetrando surdamente nos mistérios de sua localidade de origem, que não é Buenos Aires mas também é um dos centros de sentido do mundo.

Atento, Josué fez falar os velhos do Tope, foi ouvindo suas experiências e recolhendo documentos e testemunhos, e com isso construiu toda uma memória, que agora compartilha com todos, em texto que alia precisão, elegância e capacidade de penetração analítica, tudo banhado por um carinhoso sentimento de pertencimento.

O Tope está, aqui, no topo do mundo. Ele não é o único ponto do mundo, claro, mas é, como qualquer outro, representativo do que fazemos na

vida, especialmente nós, os professores, que por algum misterioso motivo queremos passar para os que vêm vindo o testemunho do que já foi.

Quando somos conduzidos pela delicadeza e pelo discernimento de um professor como o Josué, o ponto pequeno revela o tamanho do universo.

Luís Augusto Fischer

1. Um professor e escritas de sua terra

Em resumo, trata-se de recompor uma vida a partir de elementos inicialmente dispersos, escrevendo sobre o ignorado. [...]
Este raciocínio sobre o desaparecimento visa a fazer existir uma segunda vez um sujeito do qual a lembrança foi esquecida. [...]
Trata-se de recriar, de lhe oferecer uma segunda chance – tão sólida no imediato de entrar na memória de um século.
Corbin, 2008, p. 12

Três horas da tarde. Esse é o horário marcado para todos se encontrarem em frente ao cemitério. Dali, do Campo Santo, seguiremos a pé, como de costume.

Antes do início da celebração, alguns foram procurar túmulos de seus antepassados, outros aguardam no portão de entrada. Paro em frente à sepultura de minha avó, localizada à esquerda, uma das primeiras que pode ser avistada da estrada e da bodega do seu João. Depois, caminho entre os mais antigos, “converso com amigos” e vou até a carneira do Pedro: “Aqui descansam os restos mortaes de Pedro Aguirre Filho, N. A. 9 junho 1866, F. A. 21 novembro 1894.” Ele era filho de um imigrante francês, chegado ao Tope por volta de 1860, e me falaram que morreu queimado, dentro de sua casa – o que não sei se ocorreu de fato.

É nesse momento que alguém me chama e pergunta: “Como está o livro do Tope?” Digo que estou escrevendo ainda, e que “logo” sairá. Quando me encontro com moradores, é difícil escapar do questionamento. Eles

sabem, e eu sei, que fiz uma promessa, um compromisso não só com eles, mas com a memória de muitos de seus ancestrais, cujos corpos estão sepultados nesse cemitério.

O relógio marca exatamente 15 horas e os moradores começam a cerimônia de caminhada. Faz-se o sinal da cruz e iniciamos as dezenas do terço. A passos calmos, saímos do centenário cemitério, o mais antigo do município de Marau, e nos dirigimos à capela Nossa Senhora da Conceição, do Tope.

Pelo caminho, algumas mulheres e crianças vão à frente, e os homens acompanham logo atrás. Eu sigo de cabeça baixa, rezando e meditando as palavras que vamos proferindo.

As rezas são acompanhadas por alguns cantos: “No mais alto do Calvário, morreu nosso bom Jesus...” ou ainda “O povo de Deus no deserto andava, mas na sua frente, alguém caminhava...”. Penso, neste momento, que o povo do Tope já viveu entre sorrisos, brigas e batalhas, carreiradas e bailes de candeiro, orações e adagas...

Aproximamo-nos da sede da comunidade. Logo saímos da estrada, e passamos a caminhar por um gramado verde e limpo. Ali, ao dar os primeiros passos, olho atentamente para o chão a fim de verificar as pedras, praticamente escondidas, que foram alicerces na construção da primeira igreja, que já existia por volta de 1880.

Pergunto-me se meus amigos, se meus compadres, se meus vizinhos, se as pessoas que estão caminhando ao meu lado sabem que acabamos de pisar no local onde foi, um dia, há mais de um século e meio, construído com tijolos, barro e pedras aquele primeiro templo. Antes dele, estava situada a casa e a escola do professor Manoel de Araújo Schell, jovem viúvo que foi mandado ao Tope para ensinar a meninos, filhos de imigrantes e de caboclos. Certamente alguns não sabem e, talvez, só saberão mais tarde. Eu sei, porque o seu Adair Schell (neto do velho professor) me contou, e lembro também das palavras de minha avó: “Eu ia com a minha mãe e as minhas ‘ermãs’. Era uma igreja grande. Havia um lugar destinado às moças que cantavam nas celebrações, todas com véu branco na cabeça, ficavam no lugar mais alto, o lugar mais perto de Deus.” Esse espaço ao qual minha avó se referia é chamado de “coro” na arquitetura sacra.



Figura 1. Moradores do Tope, em procissão na Sexta-Feira Santa, em 2019.

Aproximamo-nos da capela. Alguém toca o antigo sino. Na frente, com o Santíssimo, juntam-se à dona Lenita Bráz, dona Marli Gehlen e dona Loreci Soares Schell – são as três ministras da Eucaristia. Ao vê-las adentrar a igreja com o povo atrás, fico emocionado, e lembro da dona Velci Gehring de Almeida (casada com Valdelírio de Almeida, o “Xirú”, bisneta de um alemão de nome Rodolpho, fiel companheira das demais, e que faleceu há alguns anos).

Mulheres sentam de um lado, homens colocam-se no outro. Esse é um costume típico das capelas das comunidades da redondeza e, quando ocorre de alguém burlar tal “regra”, os olhares voltam-se para a pessoa, em tom ora de desaprovação, ora de curiosidade. Mas também, se é desconhecido, pode bem ser algum desavisado que vem da cidade e não conhece os nossos costumes. O fato é que, neste dia, os bancos de madeira ainda ficam cheios de descendentes de imigrantes de diversas nações.

Finalizamos o terço, uma das ministras menciona como será a celebração. Ao final, todos devem colocar-se em fila para beijar o crucifixo. É Sexta-Feira Santa, “devemos nos resguardar”.

Após o momento de oração, aproximo-me da imagem do Menino Jesus, protegida por uma redoma de vidro. Percebo que o santinho possui algumas camadas de tinta; certamente não está na cor original. Será mesmo talhado em madeira? Preciso tirá-lo da urna e descobrir um dia...

A antiga comunidade do Tope tem muita história para contar. Bem! É fato que todos os lugares têm, assim como todas as pessoas, e tudo que existe ou que um dia tenha existido. Mas, neste caso, estou falando do meu lugar. E falar (o que não deixa de ser uma escrita) do seu próprio lugar nem sempre é fácil, pois somos carregados de emoções, de sentimentalismos que às vezes nos cegam diante da realidade, e nos fazem, em muitos momentos, mesmo que inconscientemente, romantizar uma história, uma personagem ou um local.

Não sei exatamente como e por que tudo aconteceu, e continua acontecendo, mas documentos, imagens e histórias chegaram às minhas mãos nos últimos anos. Muitas pessoas vieram falar comigo para contar algo ou pedir informações. As narrativas se cruzaram – continuam se cruzando – e conheci um pouco de muitas vidas. Em outros momentos, algumas pessoas curiosas, e até mesmo mal-intencionadas, me procuraram, o que fez com que meu trabalho de investigação e narração tenha parado quase por completo. Mas, chegou o dia em que retomei a escrita e decidi contar tudo.

Tudo, tudo não! Assim, registro nestas páginas somente o que, dentro de minhas percepções e valores éticos, escolho contar. Neste recorte que decido não apresentar, vou deixar guardadas determinadas situações dolorosas – e até de certo melindre para algumas pessoas, tais como assassinatos, brigas, crimes, dentre outros fatos – e seus envolvidos. Certa vez, já chateado com conversas sobre aquilo que eu sabia, disse: “Deixem em paz os nossos mortos!” Pois agora, no ato da escrita, também deixo em paz alguns mortos e algumas histórias. Procurem-me amanhã, quando eu já estiver com mais idade e não tenha razões para deixar de falar tudo aquilo que penso. Por ora, estou apenas começando.